



Labirintos do Novo Ensino Médio: a experiência da reforma e expectativa de futuro dos estudantes

Claudia Andrade

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,
Escola de Educação, Rio de Janeiro, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-0122-3049>

Andréa Martello

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,
Escola de Educação, Rio de Janeiro, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-8000-8138>

Aline Araújo Lewenkopf

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,
Escola de Educação, Rio de Janeiro, Brasil
<https://orcid.org/0009-0008-5599-1338>

Andressa Aguiar

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,
Escola de Educação, Rio de Janeiro, Brasil
<https://orcid.org/0009-0009-1807-7253>

Regina Affonso

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,
Escola de Educação, Rio de Janeiro, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-1987-2696>

Introdução

Este artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa em andamento na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)¹, que busca refletir sobre as mudanças e impactos na escolarização da juventude brasileira a partir do Novo Ensino Médio (NEM). Além de se debruçar sobre o contexto histórico da proposta e da sua implementação, a pesquisa propõe uma discussão crítica acerca da reforma do Ensino Médio sob a perspectiva do jovem estudante da rede pública de ensino. Apresentaremos algumas reflexões dos dados recolhidos a partir de um questionário aplicado para aproximadamente 500 estudantes de uma escola pública do Estado do Rio de Janeiro.

O Novo Ensino Médio, aprovado em 2017, foi divulgado como promessa de aproximar as escolas da realidade e dos desejos dos estudantes, apresentando na mídia e nas cartilhas informativas a proposta de uma educação inovadora, que considera as novas demandas e complexidades do mundo do trabalho e da vida em sociedade, visando atender às necessidades e às expectativas dos jovens para um futuro melhor (BRASIL, 2017a).

As condições de aprovação da reforma e as dificuldades estruturais para sua implementação tornaram o NEM um labirinto de propostas curriculares em disputa. Soma-se a isso o impacto e os efeitos da pandemia para todos, em especial para a vida escolar com isolamento social e uso de tecnologias que transformaram as práticas de ensino. Temos, portanto, um certo “apagão” curricular que afetou significativamente a formação do jovem brasileiro, principalmente da escola pública, que abrange mais de 80% da população de estudantes matriculados no Ensino Médio (BRASIL, 2024a).

Com problemas históricos para se instituir uma proposta de universalização do Ensino Médio no Brasil, o capítulo final desse longo processo foi concluído em julho de 2024. A Câmara dos Deputados aprovou a reforma do Ensino Médio (BRASIL, 2024b) e as alterações foram incorporadas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 2024c).

Apesar das controvérsias em relação aos rumos do NEM, é fato que uma geração de secundaristas está sendo formada a partir dele, assim como uma legião de jovens continuam a evadir da formação secundária, sem acesso a uma formação profissional e/ou universitária de qualidade. Por isso, faz-se relevante uma pesquisa sobre como os estudantes da escola pública veem esse percurso e o que esperam dele. Será que o novo modelo vem cumprindo seu objetivo? Como os estudantes percebem essas mudanças? No contexto profissional e acadêmico, o que pensam os estudantes sobre o futuro?

Essas e outras questões foram analisadas a partir de uma pesquisa quantitativa-qualitativa que buscou confrontar a escuta dos estudantes com o dramático enredo da reforma do Ensino Médio. Buscamos traços qualitativos acerca da opinião dos estudantes sobre sua escola, ensino e perspectivas, que permitissem construir um panorama do jovem hoje e de como está sendo cursar o Novo Ensino Médio. Será que demandas históricas da juventude foram atendidas? Essas demandas continuam as mesmas? É de fato uma mudança na sociedade que justifica a mudança curricular?

¹ Pesquisa intitulada: *Laço social, modos de subjetivação e educação: desafios contemporâneos*, coordenada por Cláudia Braga de Andrade.

O NEM traz mudanças na organização das escolas, no currículo e impacta, diretamente, na vida dos jovens. Sua implementação nas escolas ainda foi atravessada por um acontecimento de magnitude mundial, a pandemia da covid-19, que exigiu isolamento social, provocou inúmeras mortes e alterou nossas práticas sociais. Em decorrência da pandemia, a lei que normatiza a reforma do Ensino Médio (BRASIL, 2017a) somente foi implementada em 2022 com o 1º ano do Ensino Médio e seguiu progressivamente.

Histórico recente

Formar uma base curricular comum em um país continental como o Brasil é, por si, só uma tarefa complexa. Somando a isso os interesses financeiros e políticos em jogo, temos um dos maiores desafios da atual democracia brasileira.

A reforma do Ensino Médio, ou o Novo Ensino Médio se situa em um contexto de disputas históricas entre setores da sociedade civil que defendem a educação universal, gratuita e de qualidade, o interesse dos governos que aprovam as políticas públicas (poder orçamentário) e a disputa pelo mercado educacional, considerado estratégico e lucrativo.

Inicialmente, a implementação do Novo Ensino Médio foi estabelecida por meio da Medida Provisória MP 746 (BRASIL, 2016a). Em 23 de fevereiro de 2017, a Lei 13.415 (BRASIL, 2017a) foi aprovada e alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, estabelecendo mudanças na estrutura do Ensino Médio, definindo uma nova organização curricular para ser implementada de modo escalonado até 2024 (SILVA, 2018).

A polêmica proposta da reforma do Ensino Médio gerou um movimento de contestação em nível nacional. Cabe lembrar que a MP 746 que institui, num primeiro momento, a reforma do Ensino Médio, constituiu-se na segunda medida de impacto adotada pelo governo Temer. A primeira foi a proposta de Emenda Constitucional 241 (BRASIL, 2016c), posteriormente Projeto de Lei 55/2016 (BRASIL, 2016b), a PEC do “Teto de Gastos” e, finalmente, PEC 95 (BRASIL, 2019), por meio da qual foi instituído o Novo Regime Fiscal que estabeleceu severas restrições às despesas primárias do país por vinte anos, a partir de 2017, tornando mais grave ainda o problema orçamentário no campo da educação.

A concepção do NEM foi questionada por pesquisadores e associações das áreas de política educacional e pelos estudantes, que, mobilizados, se posicionaram contra as medidas tomadas pelo então novo governo. A forma inovadora de participação no processo político marcou essa geração de estudantes que sinalizavam uma mudança substancial de comportamento, pleiteando autonomia na gestão educacional, maior participação nas decisões políticas e um movimento de inclusão das minorias até então silenciadas.

A reforma, herdeira de impasses e dilemas históricos, revela outros interesses além de atender às demandas dos jovens em relação ao Ensino Médio. Ortega e Hollerbach (2022), na análise acerca da propaganda de divulgação do NEM, destacam dois eixos das campanhas publicitárias do governo: um que exalta o caráter inovador da Lei 13.415/17 (BRASIL, 2017a) e outro que exalta a liberdade de escolha do estudante. Os autores também sinalizam o aspecto falacioso que distorce e manipula o conteúdo do texto legal, nos levando a refletir o quanto a propaganda capturou a reivindicação de autonomia de forma deslocada, de modo a favorecer sua aceitação.

A sociedade civil sempre esteve presente na disputa pelas pautas educacionais, porém nem sempre suas reivindicações foram incorporadas. Os planos educacionais quase sempre foram elaborados de forma centralizada pelos governos brasileiros. Nesse contexto histórico, atravessamos atualmente uma condição educacional do Ensino Médio público marcada por uma desorientação em sua direção e atravessando os desafios da contemporaneidade, como a pandemia e a revolução tecnológica, aspectos que têm impactado a vida dos jovens e adolescentes.

Durante o desenvolvimento, a pesquisa foi atravessada por novos capítulos da luta pela reforma do Ensino Médio, indicando que, ainda em 2023, a crise continuava. Na experiência de escuta na escola, ficou evidente para nós, pesquisadoras, que os estudantes atuais da escola pesquisada não possuem nenhuma lembrança do movimento de ocupação de 2016, ocorrido inclusive em sua própria instituição. Não há memória do protagonismo dos estudantes na luta por uma educação universal, gratuita e de qualidade, nem por uma participação democrática e ativa nos processos educacionais e políticos. Terá sido a proposta do NEM um silenciamento das reivindicações juvenis em forma de resposta a elas?

O NEM e o ENEM: nem trabalho, nem universidade

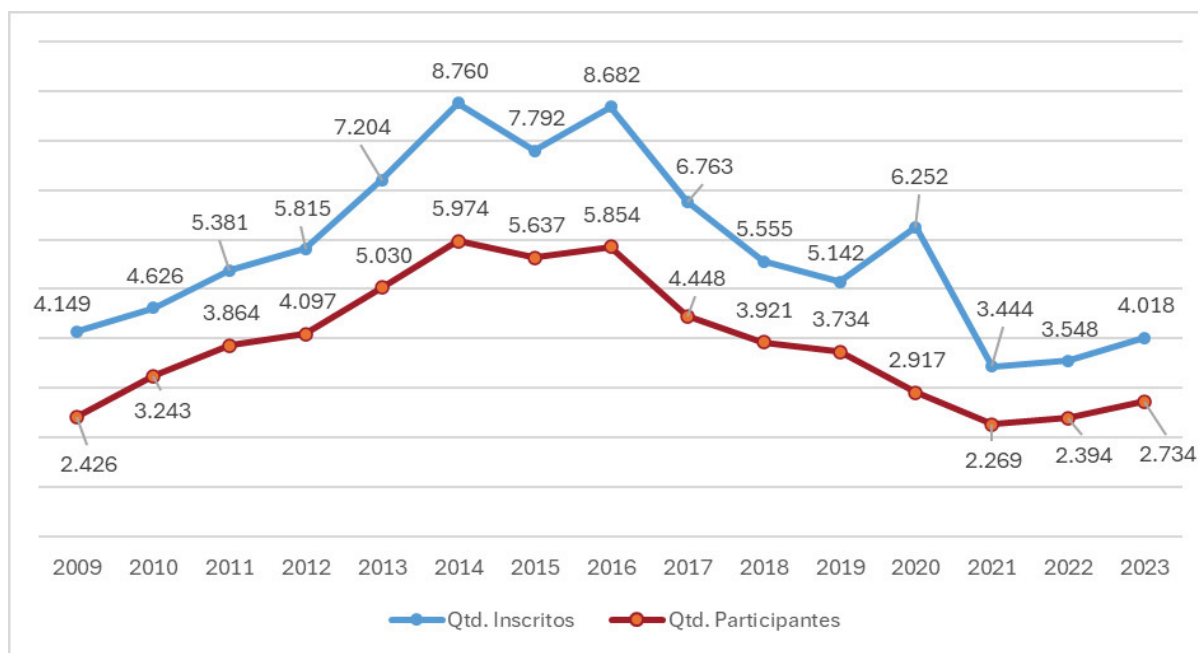
A proposta do Novo Ensino Médio (NEM) estipulou um aumento gradual da carga horária no Ensino Médio (EM). Do total de 3000 horas, 2400 horas são dedicadas ao cumprimento da nova Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017b) (currículo comum a todos) e as demais 600 horas destinadas ao cumprimento e às práticas pedagógicas previstas em quatro itinerários formativos: Linguagem e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Formação Técnica e Profissionalizante. Desde então, os estudantes deixaram de ter um único itinerário comum no Ensino Médio e passaram a ter os itinerários formativos com foco nas áreas de conhecimento e na formação técnica e profissional. Como itinerários formativos entende-se o conjunto de disciplinas, projetos, oficinas e núcleos de estudo que os estudantes poderão escolher no Ensino Médio (BRASIL, 2024c).

Apresentada pelo Ministério da Educação como uma saída à “crise” do Ensino Médio, a reforma defende que sua proposta visa atender às necessidades e às expectativas dos jovens, fortalecer o protagonismo juvenil na medida em que possibilita aos estudantes a autonomia da escolha do itinerário formativo no qual desejam aprofundar seus conhecimentos. O propósito da reforma de tornar a escola mais atraente, vinculada ao mundo do trabalho com o ensino profissionalizante, que abrirá portas para o futuro do jovem, apresenta uma série de problemas considerando a estrutura da escola pública brasileira (CARRANO, 2017).

A propaganda que promove a mudança curricular apela, de fato, para o jovem com a ideia de que “ele pode escolher” as disciplinas que mais lhe interessam. O que não se discute é a crise orçamentária da educação que apresenta um déficit de professores para todas as disciplinas e que a suposta “escolha” acaba sendo um pouco “forçada”, na medida em que a maior parte das escolas não tem estrutura para oferecer um número adequado de disciplinas eletivas e itinerários formativos. A proposta de “ampliação” das disciplinas eletivas e redução das disciplinas “básicas” contribuiu para precarizar ainda mais o ensino nas escolas públicas.

Esse cenário se reflete no retraimento da expectativa de futuro do jovem. Com relação à expectativa de ingresso no curso superior, podemos observar que houve, na última década, um movimento de retração da participação dos estudantes no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Conforme podemos acompanhar no levantamento do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), apesar de um discreto aumento nos últimos anos da participação e inscrição dos estudantes no ENEM, este aumento ainda é muito inferior ao número alcançado em 2014 (BRASIL, 2024d). Alguns fatores são associados a esta retração: a desilusão com o Ensino Superior, desigualdades socioeconômicas, dificuldades de acesso à internet e tecnologia, o impacto da pandemia de COVID-19, mudanças nas políticas educacionais, entre outras (BRASIL, 2023a).

Gráfico 1 - Série histórica de inscritos e participantes no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) entre 2009 e 2023 (BRASIL/MEC/INEP, 2024d)



Fonte: Brasil/MEC/INEP

Com o intuito de incentivar a permanência dos estudantes no Ensino Médio, reduzir a evasão escolar e ainda incentivar o ingresso no Ensino Superior, recentemente, foi aprovada a Lei 14.818/2024, que institui o programa de incentivo financeiro-educacional denominado Pé-de-Meia, que propõe a concessão de uma bolsa de permanência no Ensino Médio a 2,5 milhões de estudantes de baixa renda. Há ainda a previsão de um incentivo adicional para os alunos que prestarem o ENEM (BRASIL, 2024e).

A estrutura do NEM tem sido alvo de muitas discussões que abordam tanto seus marcos legais, finalidades da reforma, como os efeitos sobre o currículo do EM (CORTI, 2019; FERRETI, 2018; FRIGOTTO; MOTTA, 2017; LEÃO, 2018). No entanto, até o momento, muito pouco foi discutido sobre seus efeitos na instituição escolar e no seu principal protagonista: o estudante diretamente afetado pela reforma secundarista (PEREGRINO; PRATA, 2023). E isso nos leva a um questionamento: o que os jovens afetados pela mudança têm achado sobre ela?

Metodologia

O grupo da pesquisa elaborou um questionário com vinte e uma perguntas abertas e fechadas, com a preocupação de contextualizar o tema do NEM, utilizando perguntas claras e objetivas para fácil entendimento e compreensão dos participantes. Com o propósito de otimizar a aplicação do questionário, foram criados um endereço eletrônico e um QR Code, possibilitando o acesso direto ao formulário online.

A pesquisa foi autorizada pela direção da escola, cumprindo a garantia de confidencialidade e o anonimato das respostas, bem como a não obrigação de responder ao questionário, caso o estudante não se sentisse preparado ou ficasse desconfortável. A equipe do projeto assegurou aos participantes que a informação obtida seria exclusivamente utilizada para investigação científica. A coordenação da pesquisa se comprometeu a apresentar os resultados da pesquisa para os gestores, professores e estudantes da escola².

A pesquisa foi realizada em uma escola estadual localizada na zona sul do Rio de Janeiro, que oferece as modalidades de Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos, atendendo aproximadamente 1.400 alunos. Os questionários foram aplicados aos estudantes do Ensino Médio durante as aulas, com a presença do professor responsável. A equipe de pesquisa apresentou-se em cada turma, explicando os objetivos do estudo e informando que a participação era voluntária e anônima. Em seguida, foi disponibilizado um QR Code para acesso ao formulário. Os estudantes responderam ao questionário em seus próprios celulares, e um celular do projeto foi disponibilizado para aqueles que não tinham acesso à internet. A equipe permaneceu em sala de aula para esclarecer dúvidas até que todos os estudantes concluíssem as respostas.

Durante o período de 21 a 25 de novembro de 2023, coletamos um total de 503 respostas. Os participantes da pesquisa foram estudantes dos três anos do EM: 34% do 1º ano; 32% do 2º ano; e 34% do 3º ano. A intenção foi desvendar as nuances das perspectivas dessa população frente às mudanças advindas desse novo paradigma educacional, além de aspectos sobre sua convivência escolar e expectativas de futuro.

Perfil dos estudantes participantes

Entre os entrevistados, 40% residiam na Zona Sul, 36% na Zona Norte, 20% no Centro, 3% na Zona Oeste e 1% na Baixada. Quanto ao gênero, predominaram pessoas do sexo feminino, representando 53% dos participantes, enquanto 44% eram do sexo masculino. Além disso, 2% dos entrevistados se identificaram como não binários ou preferiram não responder. No que concerne à faixa etária, a maior parte dos participantes, cerca de 51%, foram jovens entre 16 e 17 anos. Os participantes entre 15 e 16 anos representaram 26% da amostra, enquanto aqueles com 18 anos ou mais corresponderam a 23%. Quanto à autoidentificação racial, 40% dos respondentes se identificaram como brancos, 34% como pardos, 23% como pretos, 2% como amarelos e 1% como indígena. É válido ressaltar que esta questão específica trouxe muitas dúvidas entre os estudantes, que não sabiam como se autodeclarar e/ou não haviam tido contato com esse conceito de letramento racial.

² Os resultados da pesquisa foram compartilhados com a gestão, professores e estudantes da escola em maio de 2024.

A diversidade expressa na amostra possibilita uma análise abrangente das distintas perspectivas e expectativas dos estudantes em relação ao Novo Ensino Médio, levando em consideração as variáveis que delimitam esse recorte da comunidade estudantil.

Eletivas e itinerários formativos: um labirinto sem saída?

Com relação ao conhecimento sobre a proposta e implementação do NEM na escola, do total de participantes da pesquisa somente 36% declararam estar bem-informados. Os demais, 37% mais ou menos informados, 24% informados, mas não entendem a proposta do NEM, e 3% não se sentem informados. De fato, na sua maioria, os estudantes não desconhecem a reforma implementada a partir de 2022. No entanto, as mudanças decorrentes ainda não foram bem compreendidas ou assimiladas.

Sobre a fonte da informação do NEM: 42% foram informados através de notícias e/ou conversas com amigos, 19% através dos professores, 18% procuraram saber por conta própria, principalmente através da internet, 11% afirmaram que a escola trouxe informações de maneira sólida e acessível, 10% declaram que ainda não entenderam muito bem sobre o tema.

A dificuldade de se apropriar sobre o funcionamento do NEM é muito evidente e o não entendimento sobre a proposta da reforma se verifica no dia a dia escolar. A experiência concreta dos alunos com o currículo do NEM acaba se tornando negativa, uma vez que as promessas do NEM não são cumpridas. A expectativa da oferta de diversos itinerários para escolha dos estudantes não se concretiza, pois a estrutura das instituições não permite. De acordo com a gestão da escola pesquisada, há turmas com apenas um itinerário formativo disponível, o que impede os estudantes de terem opções de escolha.

A reorganização do currículo escolar no NEM implica na “oferta” do itinerário formativo através das disciplinas eletivas. Na proposta da reforma, as eletivas devem proporcionar aos alunos, entre outros aspectos, a oportunidade de exercitar suas escolhas para aprimorar a autonomia e o protagonismo, envolvendo os jovens na construção do currículo escolar. Além disso, buscam desenvolver competências específicas para a continuidade dos estudos e aproximar a teoria da prática, utilizando os conhecimentos adquiridos na construção de algo concreto.

Por meio da pesquisa foi possível observar que os estudantes não conseguiam identificar com clareza o seu itinerário formativo “escolhido”. Do total de participantes da pesquisa, 48% declararam não saber qual o itinerário formativo que estavam cursando. Consideramos que se trata de um número expressivo que indica a falta de participação do estudante no processo de implementação da reforma do EM. O desconhecimento dos estudantes sobre o itinerário formativo em que estão inseridos reforça a análise de Ferreti (2018), para quem a reforma, ao priorizar a flexibilização curricular, acaba por comprometer o acesso ao conhecimento integral e à formação crítica.

Além disso, ficou clara a falta de interação entre a gestão, os professores e os estudantes. Como mencionado anteriormente, apenas 11% dos estudantes entrevistados encontraram na escola informações sólidas e acessíveis sobre o Novo Ensino Médio. Adicionalmente, durante a pesquisa de campo, observamos que o corpo docente também não tinha clareza sobre a implementação dos itinerários nos diferentes anos do Ensino Médio, conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1 - Respostas dos estudantes sobre o itinerário formativo cursado/escolhido

Qual seu itinerário formativo?	Respostas
Não sei	48%
Ciências da Natureza e suas tecnologias - Soluções estratégicas para o novo tempo	22%
Linguagens e suas tecnologias - Linguagens em Movimento,	13%
Ciências Humanas e Sociais aplicadas - Formação Cidadã.	9%
Integração das Áreas - Geração Digital	7%
(vazio)	.2%
Total Geral	100%

Fonte: Dados criados a partir da pesquisa das autoras³

Ainda com relação à alteração curricular do NEM, a pesquisa investigou como os estudantes identificavam suas disciplinas eletivas cursadas, bem como suas expectativas. A seguir, é apresentada a Tabela 2, que resume as “grandes áreas” das eletivas apontadas pelos estudantes.

Tabela 2 – Resposta dos estudantes sobre as eletivas cursadas

Eletivas cursadas	%
Projeto de vida	20%
Línguas estrangeiras	17%
Transformações, tecnologia, sociedade e mundo contemporâneo	17%
Direitos humanos e cidadania	9%
Reforço escolar	8%
Ensino religioso	7%
Saúde	6%
Leitura e escrita	6%
Clube de ciências	5%
Estudos orientados	3%

Fonte: Dados criados a partir da pesquisa das autoras⁴

Na análise das respostas obtidas, identificamos discrepâncias significativas nos nomes das disciplinas mencionados pelos estudantes. Além de não reconhecerem a relevância das eletivas cursadas, alguns afirmaram que “a maioria nem é matéria” (Diário de Campo V, 2023)⁵, muitos não sabiam ao certo o nome da disciplina eletiva em que estavam inscritos, seguindo uma grade definida pela escola. Outros ainda confundiram o componente obrigatório do NEM, Projeto de Vida, com uma disciplina eletiva. Os dados revelam uma

3 Os números referem-se somente às respostas dos estudantes do 1º e 2º anos (que estavam cursando o NEM).

4 Os números referem-se somente às respostas dos estudantes do 1º e 2º anos (que estavam cursando o NEM).

5 Ao longo dos encontros, os pesquisadores produziram um Diário de Campo com base em observações, percepções e falas dos estudantes, cujas identidades foram protegidas por meio do uso de letras no lugar de seus nomes.

realidade diferente daquela esperada na proposta da reforma do EM. A oferta limitada de itinerários e disciplinas eletivas reflete um descompasso entre a teoria e a prática. A insatisfação dos estudantes com as eletivas e a ausência de opções significativas indicam a precarização do currículo, conforme argumentado por Frigotto e Motta (2017).

Os estudantes revelaram algumas preferências, quando interrogados sobre quais eletivas gostariam que a escola oferecesse. Destacou-se, no conjunto das respostas apresentadas na Tabela 3, o expressivo interesse dos jovens por artes, cultura e esportes (18%), áreas que, segundo as respostas abertas, têm sido negligenciadas pela escola. É interessante observar que a preferência por áreas específicas, como Educação Financeira e Empreendedorismo, Informática/Tecnologia, que são valorizadas na sociedade, não superou a demanda por artes, música, teatro e cinema.

Tabela 3 – Eletivas apontadas na pesquisa como desejadas pelos estudantes

Grupo de eletivas desejadas	%
Não sei	17%
Artes/música/teatro e cinema	12%
Nenhuma	12%
Ed. Financeira/empreendedorismo	10%
Idiomas e linguagem escrita	9%
informática/tecnologia	8%
Esporte	6%
Orientação pedagógica/educação sexual/saúde mental	4%
Reforço/formação/ENEM	4%
Outras	3%
Sociologia/filosofia/história	2%
Astronomia/física/química	2%
Gastronomia e culinária	2%
Primeiros socorros	2%
Matemática e jogos	1%
Religião	1%
Biologia/Ed. Ambiental/Agro	1%
Projeto de vida	1%

Fonte: Dados criados a partir da pesquisa das autoras⁶

Em contrapartida, a análise dos dados recolhidos também revela uma falta de compreensão ou desinteresse a respeito desse aspecto curricular (12%). Além daqueles que se posicionaram contra a existência das eletivas, chama atenção o número significativo de estudantes que demonstraram desconhecer o conceito de disciplinas eletivas (17%), o que é ainda mais preocupante.

Outro ponto relevante nesta análise refere-se às eletivas de Primeiros Socorros, Orientação Pedagógica, Educação Sexual e Saúde Mental que somam 6% no total. A procura por essas opções sugere uma possível solicitação de ajuda por parte dos alunos,

6 Os números referem-se somente às respostas dos estudantes do 1º e 2º anos (que cursaram o NEM).

indicando tanto o desconhecimento quanto as dificuldades em lidar com esses temas. Isso evidencia uma lacuna no diálogo sobre questões sensíveis, como sexualidade e violência social, às quais esses jovens se sentem expostos.

Independentemente de quais sejam as preferências destacadas acima, elas revelam que esses estudantes, em sua maioria, estão preocupados e pensando a respeito da qualidade e nos caminhos da educação acessada, como descrito por alguns dos respondentes: *“Eletivas que realmente nos preparassem para a futura vida adulta”*; *“Eu gostaria que eles nos orientassem mais, nos deixar informado de coisas que é tabu hoje em dia para ser discutido”* (Diário de Campo A, 2023).

Os estudantes não parecem exigir um currículo tradicional e disciplinar. No entanto, demonstram descontentamento com a formação escolar que recebem para prestar a prova do ENEM. É possível observar que a demanda por um espaço de construção e transmissão de saberes que os prepare para a vida adulta exige um currículo que aborde conhecimentos que dialoguem com seu cotidiano.

Vale destacar que a reivindicação por uma revisão do currículo escolar já estava presente no movimento estudantil das ocupações das escolas, iniciado em 2016, em protesto ao plano de reorganização da rede pública de educação. A experiência das ocupações foi marcada pelo desejo de revitalizar a escola. Embora o movimento de ocupação tenha resistido, sobretudo, à disciplina rígida e à hierarquização, o espaço para a construção e transmissão de saberes foi preservado, com uma intensa e criativa programação diária de aulas, oficinas e rodas de conversa entre estudantes, professores e convidados (COUTINHO; ANDRADE, 2017). Nesse contexto, o silenciamento das reivindicações observadas durante as ocupações parece encontrar novas formas de expressão por meio das iniciativas sugeridas por esse grupo de estudantes.

Ensino Médio e a expectativa de futuro

A insatisfação dos estudantes com o NEM abrange desde a qualidade das disciplinas oferecidas até a falta de comprometimento da direção e do governo em promover melhorias significativas, conforme foi declarado por um participante da pesquisa: *“Eu acho que eles tinham que se impor a falar sobre coisas que realmente vão ser úteis para nosso futuro, e não mudar matérias que são importantes para fazer um ENEM ou um vestibular”* (Diário de Campo G, 2023). Segundo destacaram os próprios participantes ao final do questionário, o NEM desperta diversas preocupações, revelando uma série de desafios que comprometem a qualidade da educação: *“tentaram inserir este novo Ensino Médio e somente piorou a educação das escolas públicas”* (Diário de Campo D, 2023). Essa insatisfação se manifesta em vários aspectos, revelando com isso que eles possuem uma visão crítica sobre a ineficácia do sistema educacional atual proposto pelo Novo Ensino Médio.

A baixa qualidade do ensino foi apontada pelos alunos como um dos principais problemas. Eles argumentaram que as disciplinas eletivas são de baixa relevância e que elas ocupam um espaço que antes era direcionado para matérias, consideradas por eles, mais importantes: *“porque as matérias eletivas não funcionam como deveriam e tomam o tempo de matérias importantes, como história e filosofia por exemplo”* (Diário de Campo D, 2023), ou ainda, *“acho esse Novo Ensino Médio precário e deficiente, entregando matérias onde nenhum professor é formado”* (Diário de Campo I, 2023). Ainda foi ressaltada a decepção em relação à substituição da educação física por eletivas, *“por causa dessa bosta de eletiva tirou uma das motivações para vir para a escola que era a aula de educação física.”* (Diário de Campo H, 2023).

O descontentamento com a falta de preparo dos professores para ministrar as novas disciplinas foi outro ponto de destaque. Os alunos pontuaram que essa lacuna compromete a motivação, conforme demonstram estas falas: “fica difícil valorizar esses novos conteúdos, se nem mesmo os professores acreditam nisso”; “ninguém merece ficar dois tempos tendo que aturar o professor que nem sabe o que passar” (Diário de Campo G, 2023).

Algumas falas sugeriam que o governo precisa ser alertado sobre a “péssima” qualidade do NEM. Alguns estudantes se questionaram sobre quem teve a ideia de implementar esse modelo e expressaram o desejo de uma mudança efetiva, conforme expressam os excertos que seguem:

“[esse] assunto bem necessário para alertar o governo, desse novo sistema, que só prejudica os alunos [...] esse Novo Ensino Médio é só mais uma tentativa do governo de deixar os estudantes pobres cada vez mais despreparados e desmotivados com seus estudos de forma que só os sirvam como mão de obra barata e não alguém que pense e questione” (Diário de Campo Y, 2023).

Essas críticas refletem, especialmente, a preocupação dos jovens com a qualidade atual do ensino e com o impacto que o novo formato pode ter em seu futuro.

Sob o ponto de vista do estudante, a mudança do Ensino Médio não foi assimilada a uma melhoria na sua formação e preparação para o mercado de trabalho. Dos estudantes entrevistados, somente 8% avaliaram que a mudança do Ensino Médio Regular (em que todas as matérias são obrigatórias) para o Novo Ensino Médio (em que existe a formação obrigatória + itinerários formativos) está sendo positiva para a sua formação, 54% avaliaram como negativa, e 22% não souberam dizer. Essa análise converge com os dados da pesquisa realizada pelo MEC em 2023, em que 52,30% dos estudantes entrevistados apontaram que o Novo Ensino Médio não preparará melhor os alunos para possíveis mudanças no ENEM (BRASIL, 2023b).

Quando perguntados se acreditavam que estariam preparados para o mercado de trabalho ao saírem do Ensino Médio, 35% responderam que não e 65% que sim; somente 12% responderam que o Novo Ensino Médio contribui para essa preparação. Ao serem levados a refletir sobre expectativas após a conclusão do Ensino Médio, somente 23% dos estudantes responderam que pretendem dar continuidade exclusivamente nos estudos. Os demais afirmaram que gostariam de empreender (6%), estudar e trabalhar (34%), fazer um curso técnico e trabalhar (17%), fazer um curso técnico (6%), somente trabalhar (10%), ou ainda não sabiam o que gostariam de fazer após a conclusão (4%), ou seja, o trabalho e o ensino superior fazem parte dos planos de futuro dos jovens estudantes. Vale destacar que a escolarização ocupa um lugar importante nas aspirações dos jovens. A maioria dos entrevistados (86%) tem expectativas de continuar estudando, seja combinando ou não os estudos com o trabalho.

No entanto, é preocupante a sensação de fragilidade expressa por grande parte dos estudantes entrevistados em relação à sua formação para a continuidade dos estudos e ao ingresso no mercado de trabalho. Nesse sentido, a pesquisa revelou que apenas 33% das respostas dos alunos demonstraram sentimentos positivos em relação ao futuro. Apesar de reconhecerem os inúmeros desafios que enfrentarão nas etapas subsequentes da vida, eles demonstraram determinação ou, pelo menos, esperança diante dos seus objetivos. Já os sentimentos negativos ou de apatia apontados diante de prospecções futuras representaram 50% das respostas. Dentre os sentimentos negativos destacados

na pesquisa, medo, ansiedade, preocupação e desespero emergiram como os mais citados, seguidos pelos sentimentos de dúvidas e incertezas, que representaram 11% das respostas. Adicionalmente, foram registradas frases que expressam desalento e sensação de abandono por parte desses estudantes, evidenciando ainda mais a necessidade premente de um planejamento robusto e de um conjunto de ações eficazes nas políticas educacionais voltadas para o Ensino Médio. Dentre as tantas falas, destacamos algumas:

“devo ficar nervosa por um tempo até aceitar que acabou” (Diário de Campo M, 2023); “não sonhar [mais]”; (Diário de Campo S, 2023); “que eu vou trabalhar em um lugar ruim que não paga bem” (Diário de Campo T, 2023); “sinto que não vou viver muito por conta do estresse excessivo causado pela escola” (Diário de Campo J, 2023); “não tenho base nenhuma do Ensino Médio para concorrer a uma faculdade contra a Elite” (Diário de Campo T, 2023).

A análise dos sentimentos negativos dos estudantes em relação ao futuro e à preparação para o mercado de trabalho dialoga com as preocupações de Peregrino e Prata (2023), que destacam como o Novo Ensino Médio marginaliza grupos vulneráveis, deixando-os “nas sombras” ao não proporcionar uma formação adequada para a vida adulta. Essa sensação de abandono reflete o fracasso em atender às demandas educacionais de maneira inclusiva e equitativa

O que se espera da convivência escolar

Apesar dos questionamentos e desapontamentos relacionados ao EM, a instituição escolar continua associada a uma expectativa de formação. Na questão: *Sinto que minha escola me prepara para o futuro* encontramos uma resposta predominantemente positiva, 24% concordaram totalmente e 37% parcialmente. Da mesma forma, na questão: *Nessa escola sinto que aprendo coisas úteis para minha vida* também predominou um sentimento positivo, 24% concordaram totalmente e 47% parcialmente, conforme pode ser visto na Tabela 4.

Tabela 4: Resultado da questão:

Nessa escola sinto que aprendo coisas úteis para minha vida e preparação para o futuro

Nessa escola, sinto que aprendo coisas úteis para minha vida	Respostas
Discordo totalmente	9%
Discordo parcialmente:	20%
Concordo parcialmente	47%
Concordo totalmente	24%
Total Geral	100%
Sinto que minha escola me prepara para o futuro	Respostas
Discordo totalmente	15%
Discordo parcialmente:	24%
Concordo parcialmente	37%
Concordo totalmente	24%
Total Geral	100%

Fonte: Dados criados a partir da pesquisa das autoras

Além disso, o que foi mencionado anteriormente foi confirmado no resultado sobre as motivações e desmotivações de estar na escola. Enquanto a preparação do futuro é indicada como a maior motivação para frequentar a escola (30,7%), as aulas aparecem como o item de menor motivação para frequentar a escola (24,8%). A frustração declarada com a desmotivação de assistir as aulas não apaga o desejo de que a escola cumpra seu papel de uma preparação para o futuro.

Incluímos uma pergunta aberta para que os estudantes registrassem, em sua percepção, o que deveria ser implementado na escola para melhorar a convivência e sua formação. Do total de respostas, 29% apontaram a necessidade de melhorias na infraestrutura, destacando a instalação de aparelhos de ar-condicionado, a manutenção dos ventiladores, reformas e a limpeza dos banheiros – que, conforme os relatos, carecem de itens básicos, como papel higiênico e sabonete para higiene pessoal –, conforme apresentado na Tabela 5.

Tabela 5 - Melhorias apontadas na pesquisa como desejadas pelos estudantes

Melhorias desejadas	%
Infraestrutura e equipamentos	29%
Disciplinas	16%
Gestão	11%
Professores	11%
Não sei	9%
Alimentação	7%
Clima//cultura	4%
Materiais didáticos e tecnologia	3%
Inspetor/segurança	3%
Tudo certo	3%
Tudo errado	2%
Gestão pública	1%
N/A	1%

Fonte: Dados criados a partir da pesquisa das autoras

Além disso, 16% das respostas abordaram questões relacionadas às disciplinas oferecidas, com solicitações voltadas para o retorno das “antigas disciplinas”, inclusão de eletivas atrativas, e métodos de ensino mais modernos e interativos. Os *problemas de gestão alcançaram 11% das respostas, assim como os problemas com os professores, os quais também* foram destacados por 11% dos participantes. No que diz respeito à gestão, as referências geralmente envolviam questões de comunicação, acolhimento e organização. Já em relação aos professores, as observações foram desde a escassez de docentes até a necessidade de explicações mais claras, maior dedicação e respeito aos alunos. Referente à *alimentação*, eles se queixavam da baixa qualidade nutricional do lanche oferecido e da pouca quantidade. No item *clima e cultura*, foram considerados o ambiente escolar e a percepção de valores da instituição na visão dos alunos. Nesse aspecto, ressaltaram a demanda por um ambiente escolar melhor, com mais empatia e atenção à saúde mental. Como sugestão, destacaram também a necessidade de mais espaços para debates, rodas de conversa e momentos de descanso

Sem dúvidas, é necessária uma revisão profunda da educação brasileira. No contexto da revisão do Ensino Médio, as ocupações de 2016 já abordavam reivindicações que clamavam não apenas por definições de currículo, mas também denunciavam a falta de professores, a busca por qualificação das aulas e a ausência de infraestrutura adequada, entre outros aspectos que ainda persistem. É consenso que, ao falarmos de jovens, nos referimos a diferentes juventudes, com realidades e necessidades variadas, mas também com uma visão de mundo rica e diversificada.

Considerações finais

Esta pesquisa revelou que a grande maioria dos estudantes já ouviu falar sobre o Novo Ensino Médio, mas não reconhece mudanças práticas em sua formação e preparação para o mercado de trabalho, apesar de esse ser um dos objetivos do novo modelo. Como já foi mencionado, a alteração da legislação e a implantação do Novo Ensino Médio não contaram com a plena participação da comunidade escolar e da população; portanto, não foram construídas levando em conta os interesses e as particularidades dos grupos que compõem a escola. Apesar do tema ser conhecido pelos estudantes, percebemos que menos da metade respondeu ter recebido informações através de professores e da escola, apesar de constar por parte desse grupo o reconhecimento de que a escola forneceu informações sólidas e consistentes.

A implantação do novo modelo reuniu muitas críticas, como a falta de debate com a sociedade, o aumento da carga horária, a desobrigação para determinadas disciplinas e o aumento da desigualdade entre instituições de ensino públicas e privadas (BRASIL, 2024f; CÁSSIO; GOULART, 2022). O problema destacado é que as escolas que conseguem de fato oferecer itinerários formativos com qualidade aos estudantes são a exceção e não a regra no país.

Em janeiro de 2024, foi instituído um programa de incentivo financeiro para estudantes do Ensino Médio. Seus objetivos incluem mitigar os efeitos das desigualdades sociais na permanência e conclusão dessa etapa escolar, além de contribuir para a promoção da inclusão social por meio da educação (BRASIL, 2024e). No entanto, embora seja importante um programa que ofereça incentivos financeiros aos estudantes, especialmente no que diz respeito à permanência na escola, é crucial lembrar que apenas um ensino de qualidade pode realmente proporcionar uma ascensão social expressiva. Isso significa permitir que indivíduos de camadas sociais menos privilegiadas não fiquem rigidamente presos às suas classes sociais, mas tenham, de fato, a oportunidade de progredir na hierarquia social.

É consenso entre diferentes agentes das comunidades escolares que os estudantes estão tendo menos aulas do que antes, apesar do suposto aumento da carga horária previsto na lei. O cenário descrito pelos respondentes da pesquisa enfatiza a preocupação com o futuro e com melhores condições de vida, uma preocupação condicionada principalmente pela baixa qualidade do ensino, agravada ainda mais pela implantação do Novo Ensino Médio. Além disso, não foi feito investimento em novos recursos na educação pública e o novo modelo foi implementado sem diálogo e às pressas.

Por fim, destacamos que um dos diversos fatores que impactam a saúde mental dos jovens concluintes da educação básica é a sensação de não estarem preparados para alcançar seus objetivos após a conclusão do Ensino Médio, o que pode gerar frustração, medo e insegurança em relação ao futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 10 mar. 2024.

_____. Congresso Nacional. **Medida Provisória nº 746/2016.** Reformulação Ensino Médio. 2016a. Disponível em: <<https://www.congressonacional.leg.br/materias/medidas-provisorias/-/mpv/126992>>. Acesso em: 23 jan. 2023.

_____. Senado Federal. **Proposta de Emenda à Constituição nº 55, de 2016.** PEC do teto dos gastos públicos. 2016b. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/127337>>. Acesso em: 28 nov. 2024.

_____. Câmara dos Deputados. **Proposta de Emenda à Constituição nº 241 de 2016.** Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal. 2016c. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2088351>>. Acesso em: 28 nov. 2024.

_____. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017.** Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Brasília, DF: Presidência da República, 2017a. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm>. Acesso em: 03 fev. 2024.

_____. Ministério Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Brasília, DF, dezembro, 2017b. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 28 nov. 2024.

_____. Câmara dos Deputados. **Proposta de Emenda à Constituição nº 95, de 2019.** Prorroga o prazo de vigência do regime especial de pagamento de precatórios previsto no art. 101 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias para precatórios cujos débitos não tenham natureza alimentícia. 2019. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2226781>>. Acesso em: 28 nov. 2024.

_____. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Participação dos estudantes no ENEM: análise e tendências.** Brasília: INEP, 2023a. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/avaliacao-e-exames-educacionais/enem>>. Acesso em: 04 ago. 2024.

_____. Ministério Educação. **Relatório da Consulta Pública do Ensino Médio. 2023b.** Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/relatorio-consulta-publica-ensino-medio.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2024.

_____. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo Escolar da Educação Básica 2023. Versão preliminar, Brasília, DF, 2024a.** Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>>. Acesso em: 10 mar. 2024.

_____. Câmara dos Deputados. **Câmara aprova mudanças na reforma do ensino médio. Agência Câmara de Notícias, Brasília, DF, 2024b.** Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/1081896-camara-aprova-mudancas-na-reforma-do-ensino-medio/>>. Acesso em: 04 ago. 2024.

_____. **Lei nº 14.945, de 31 de julho de 2024.** Brasília, DF: Presidência da República, 2024c. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2024/Lei/L14945.htm>. Acesso em: 04 ago. 2024.

_____. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **ENEM 2023: resultados.** 2024d. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/enem/resultados/2023/apresentacao_resultados.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2024.

_____. **Lei nº 14.818, de 16 de janeiro de 2024.** Institui incentivo financeiro-educacional, na modalidade de poupança, aos estudantes matriculados no ensino médio público. Brasília, DF: Presidência da República, 2024e. Disponível em: <<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=14818&ano=2024&data=16/01/2024&ato=ef2MTQE1ENZpWT460>>. Acesso em: 10 mar. 2024.

_____. Senado Federal. Agência Senado. **Debatedores fazem críticas e sugestões para reforma do Novo Ensino Médio.** Brasília, DF, 2024f. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/04/16/debatedores-fazem-criticas-e-sugestoes-para-reforma-do-novo-ensino-medio>>. Acesso em: 25 ago. 2024.

CARRANO, P. **Um “novo” ensino médio é imposto aos jovens no Brasil.** Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa Educacional, 2017. Disponível em: <<https://www.anped.org.br/news/um-novo-ensino-medio-e-imposto-aos-jovens-no-brasil>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

CÁSSIO, F.; GOULART, D. C. A implementação do Novo Ensino Médio nos estados: das promessas da reforma ao ensino médio nem-nem. **Retratos da Escola**, v. 16, n. 35, p. 285-293, 2022.

CORTI, A. P. Política e significantes vazios: uma análise da reforma do Ensino Médio de 2017. **Educação em Revista**, v. 35, p. 1-20, 2019.

COUTINHO, L. G.; ANDRADE, C. B. O que as ocupações nos ensinam sobre a adolescência, o laço social e a educação? **Revista ETD: Educação Temática Digital, Campinas**, v. 19, n. esp., p. 48-63, jan./mar. 2017.

FERRETI, C. J. A reforma do Ensino Médio e sua questionável concepção de qualidade da educação. **Estudos Avançados**, v. 32, n. 93, 2018.

FRIGOTTO, G.; MOTTA, V. C. Por que a urgência da reforma do ensino médio? Medida Provisória nº 746/2016 (lei nº 13.415/2017). **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 139, p. 355-372, 2017.

LEÃO, G. O que os jovens podem esperar da reforma do ensino médio brasileiro? **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 34, p. 1-23, 2018.

ORTEGA, A. R.; HOLLERBACH, J. D. G. Propaganda, Mídia e Educação: o discurso oficial e publicitário sobre a reforma do ensino médio de 2017. **Educação em Revista**, v. 38, e37849, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/jj/edur/a/jjYF7vFdBxFPvs9GfXzXmx9w/>>. Acesso em: 20 jan. 2024.

PEREGRINO, M.; PRATA, J. M. Juventude como mirante dos fenômenos sociais e a reforma do ensino médio: o que se vê quando se olha de um outro lugar? **Revista Brasileira de Educação**, v. 28, e280052 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/jj/rbedu/a/m7RWL4Mj8RxFGkv3fwZ35tx/>>. Acesso em: 24 fev. 2024.

SILVA, M. R. A BNCC da reforma do ensino médio: o resgate de um empoeirado discurso. **Educação em Revista**, v. 34, p. 1-15, 2018.

Resumo Este artigo busca refletir sobre as mudanças e impactos na escolarização da juventude brasileira a partir do Novo do Ensino Médio. Além de uma revisão do contexto histórico da proposta da reforma e da sua implementação, o estudo propõe uma discussão crítica acerca da reforma do Ensino Médio sob a perspectiva do jovem estudante da rede pública de ensino. Apresentamos, de forma geral, a opinião de 503 estudantes, matriculados no Ensino Médio em escola pública, sobre o Novo Ensino Médio, a expectativa de futuro e a convivência escolar. A pesquisa revelou que os estudantes não reconhecem mudanças práticas no Novo Ensino Médio para sua formação. No entanto, continua sendo prevalente entre os estudantes a expectativa de que a instituição escolar cumpra seu papel de uma preparação para o futuro.

Palavras-chave: reformas educacionais, Novo Ensino Médio, estudantes, expectativa de futuro.

**Laberintos de la Nueva Escuela Secundaria:
la experiencia de la reforma y las expectativas de los estudiantes para el futuro**

Resumen Este artículo busca reflexionar sobre los cambios e impactos en la escolarización de la juventud brasileña a partir de la implementación de la Nueva Secundaria. Además de exponer el contexto histórico de la propuesta de la reforma y su posterior implementación, el presente artículo propone una discusión crítica de la secundaria desde la perspectiva de los jóvenes estudiantes en las escuelas públicas. Presentamos la opinión de 503 de estos al respecto de la Nueva Secundaria, su expectativa para el futuro y la convivencia escolar. El estudio demuestra que los estudiantes no reconocen que hayan habido alteraciones prácticas en la Nueva Secundaria para su formación, aunque aún prevalece la expectativa entre ellos de que la institución escolar cumpla su papel en prepararlos para el futuro.

Palabras clave: reformas educacionales, Nueva Secundaria, estudiantes, expectativas para el futuro.

**Labyrinths of the New High School:
the experience of reform and students' expectations for the future**

Abstract This article aims to reflect on the changes and impacts on the schooling of Brazilian youth starting from the New High School. In addition to a review of the historical context of the reform proposal and its implementation, the study proposes a critical discussion about the reform of High School from the perspective of young students in the public school system. We present the opinion 503 students, enrolled in a public school, about the New High School, expectations for the future and school life. The research revealed that students don't recognize practical changes in the New High School for their training, however, the expectation that the school institution will comply its role of preparing students for the future continues to be prevalent among students.

Keywords: educational reforms, New High School, students, future expectations.

DATA DE RECEBIMENTO: 08/05/2024

DATA DE APROVAÇÃO: 02/09/2024



Claudia Andrade

Psicóloga, Psicanalista, Doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil. Professora na Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, Brasil. Membro do NIAJ/UFRJ e do Diretório de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Laço Social da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Brasil.

E-mail: claudia.andrade@unirio.br



Andréa Martello

Doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil. Professora na Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, Brasil. Realiza pesquisa e extensão na área da infância, juventude e formação de professores.

E-mail: deamartello@gmail.com



Aline Araújo Lewenkopf

Graduada em pedagogia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, Brasil. Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Santa Úrsula, Rio de Janeiro, Brasil. Bolsista de Iniciação Científica e integrante dos projetos de pesquisa: Laço social, modos de subjetivação e educação e Psicanálise e saúde mental na universidade.

E-mail: alinelewenkopf@gmail.com



Andressa Aguiar

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, Brasil. Integrante do projeto de pesquisa e extensão: Da escola à universidade: escutando o mal-estar.

E-mail: andressavaguiar@edu.unirio.br



Regina Affonso

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, Brasil. Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Brasil. Integrante do projeto de pesquisa e extensão: Da escola à universidade: escutando o mal-estar.

E-mail: reafonso147@edu.unirio.br